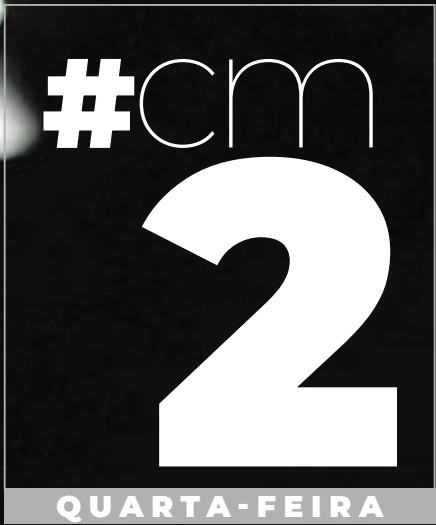




QUARTA-FEIRA

Tizuka Yamasaki

UM SOL SEMPRE NASCENTE

Homenageada por uma retrospectiva na Paraíba, a **campeã de bilheteria que teve seis longas no rol do milhão das maiores receitas do país**, driblando o machismo, lida como pode com a **política dos editais, com projetos de peso por virem e a restauração de sua obra-prima 'Gaijin'**. Neste papo com o Correio da Manhã, nas páginas 2 e 3, ela revê sua trajetória.

ENTREVISTA | TIZUKA YAMASAKI

REALIZADORA

‘Quero morrer num set de filmagem’

Aladim Monteiro/Divulgação

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Com projetos das mais variadas naturezas para tirar do papel, Tizuka Yamasaki embarca hoje numa cruzada para restaurar sua obra-prima, o épico “Gaijin” (1980), exibido na Quinzena de Cannes e na Berlinale. A repercussão mundial dessa produção, combinada com sua fortuna crítica das mais invejáveis, deveria lhe abrir portas. Não bastasse a consagração, os números falam pela artista. Ela assinou a direção de muito blockbuster ao longo de uma carreira perfumada a cifras altas na venda de ingressos. Nascida em Porto Alegre (RS), em 1949, com raízes japonesas bem fincadas na terra, passou parte da vida em solo paulista, estudou na Universidade de Brasília (UNB) e formou-se na Universidade Federal Fluminense (UFF) em Cinema. Deu seus passos profissionais iniciais em trabalhos variados de assistência em sets regidos por titãs do Cinema Novo (Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha). Passou pelas equipes de “O Amuleto de Ogum” (1974) e “A Idade da Terra” (1980) antes de migrar para o comando de produções tamanho G.G. Radicada hoje em Atibaia (SP), ela soma seis títulos no rol das 200 maiores bilheterias nacionais, contabilizadas de 1970 aos dias atuais. Seu maior êxito: “Lua de Cristal” (1990), chicletinho que foi “O” filme da infância e da adolescência de parte considerável desta nação, celebrizado pela venda de 4.178.165 tíquetes ao som da canção homônima em que Xuxa fazia “glu-glu” para Sergio Mallandro. Foi com ela que Renato Aragão voltou a filmar, em 1997, após um hiato de seis anos longa da telona. Atraíram multidões com “O Noviço Rebelde”.

Lotando salas a granel, entre a década de 1980 e o início dos anos 2010, os filmes de Tizuka pavimentaram um veio comercial exitoso (sempre com rotas autorais abertas) pra força criativa feminina deste país mobilizar postos de direção e desafiar sexismos históricos. Uma recente homenagem à sua obra no Festival de Inverno de Campina Grande (PB) fez o cinema rediscutir sua relevância. No eixo da autoralidade, ela deu à imigração japonesa um tratamento de saga histórica, num par de longas-metragens da grife “Gaijin” (primeiro, o colosso “Os Caminhos da Liberdade”, e depois, o doce “Ama-me Como Sou”), ambos coroados com o Kikito de Melhor Filme no Festival de Gramado, em 1980 e 2005. Além das tramas sobre o êxodo nipônico, inspiradas pelo fluxo de seus parentes da Ásia ao Brasil, Tizuka sempre foi craque em debater a coragem de mulheres que dizem não à opressão do machismo. Cabem aí tanto a Rainha dos Baixinhos de “Xuxa Requebra” (tufão pop do verão de 1998 para 99, visto por 2.046.033 pagantes) quanto a professora e poeta Anaíde Beiriz (1905 — 1930), retratada pela diretora, com o apoio de uma Tânia Alves em erupção de talento, no belo “Parahyba Mulher Macho” (1983), cuja venda de entradas foi aquecida pelo interesse de 1,1 milhão de espectadores.

Faz tempo que Tizuka não lança um longa em tela grande. Teve “Encantados” no Festival do Rio de 2014 e emplacou “1817: A Revolução Esquecida”, em duo com Ricardo Favilla, há nove anos. No meio do caminho, não desgrudou da caça aos editais, mas estes nem sempre são justos com artistas do quilate dela, que fez História.

Neste momento em que a produção brasileira mais esperada pelo mercado é dirigida por uma cineasta de apelo popular (“Minha Melhor Amiga”, de Susana Garcia), Tizuka faz um balanço do que é ter um filme a caminho dos multiplexes e avalia uma trajetória que segue no gerúndio.

Como você avalia o espaço para o seu cinema hoje no audiovisual brasileiro, com toda a relevância do seu trabalho sobre grandes representações femininas e sobre miscigenações entre culturas? Seis das 200 maiores bilheterias brasileiras de todos os tempos são suas e, ainda assim, seu último longa tem dez anos. O mercado hoje está aberto à sua ótica popular?



Tizuka Yamasaki — Talvez dez anos seja muito tempo entre um filme e outro, mas eu sempre levei muito tempo para fazer um filme depois do outro. Trabalhei bastante com filmes históricos, épicos. Eu já dizia lá atrás que levava dez anos para conseguir dirigir, levantar o dinheiro, e mais dez anos para botar o filme na lata. São filmes caros, por isso levam muito tempo. No meio do caminho, fui aceitando algumas encomendas, como os filmes da Xuxa, o filme do Renato Aragão, o “Aparecida — O Milagre”, do Paulo Thiago. Isso ia permitindo

levar adiante outros projetos enquanto eu batalhava para conseguir o restante do dinheiro para terminar meus filmes. Foi o que aconteceu com “Encantados”, “Gaijin — Ama-me como Sou”, “Gaijin — Os Caminhos da Liberdade”, “Parahyba Mulher Macho”. Estou mais ou menos acostumada com essa demora.

Falando em “Gaijin — Os Caminhos da Liberdade”, há planos de relança-lo, dentro ou fora do Brasil, ainda este ano?

Estamos em conversa com a

Cinemateca Brasileira e avaliando também possibilidades de patrocínio em outros lugares para restaurar a cópia do primeiro “Gaijin”. Ela precisa ser recuperada: a pista de som está muito ruim e as imagens estão manchadas. Estamos batalhando para viabilizar esse trabalho. Hoje, quando o mundo — principalmente a Europa — vive novamente um conflito em torno da imigração, acho que seria um filme muito bom para refletir sobre o assunto. Vamos ver o que acontece. Acredito que, a qualquer momento, possamos conseguir.



Tizuka deu seus passos iniciais como ssistente de dureção em trabalhos regidos por dois titãs do Cinema Novo, Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha



Lotando salas a granel, entre a década de 1980 e o início dos anos 2010, os filmes de Tizuka pavimentaram um veio comercial exitoso no aundiovisual brasileiro

Nesta quinta-feira, estreia “Minha Melhor Amiga”, de Susana Garcia, com Ingrid Guimarães e Mônica Martelli, cercado pela expectativa de alcançar uma bilheteria de peso num ano especialmente difícil para o cinema brasileiro. Susana é hoje uma das diretoras de maior apelo popular do país e trilha um caminho que você ajudou a pavimentar para muitas cineastas. Que conselho daria a ela, sobretudo quando seu filme é tratado como uma esperança de renovação para as salas?

Cada filme tem uma trajetória particular. Não sei o que dizer para a Susana, mas vai dar certo. Eu não sou a pessoa mais adequada para aconselhar sobre lançamento, pois existem os distribuidores, que deveriam estudar as melhores datas e oferecer essa orientação. É preciso fazer e lançar. Caso não dê certo, faz-se outro. Não há jeito: é isso que sabemos fazer. Na minha época, éramos também responsáveis pela produção e não havia como esperar. A gente metia bronca, lançava e torcia para dar certo. Lembro, por exemplo, de “Bete Balanço” (do qual Tizuka foi produtora executiva), que estreou num período considerado completamente negativo. Todo mundo dizia que a data de sua estreia era ruim, mas nós não adiamos, e o filme foi um sucesso enorme. Às vezes, uma época aparentemente desfavorável é justamente aquela em que a plateia está pronta para receber determinado filme.

Como a espera por recursos, nos editais, mudou de significado para você, com o tempo?

Os últimos dez anos me envelhecaram. Estou com 77 anos. Ainda tenho energia para fazer muitos filmes. Quero morrer num set de filmagem. Mas existe uma segregação etária. É claro que a nova geração não me conhece. A geração mais nova que conheceu os filmes da Xuxa já está hoje com 40, 50 anos. Então, é como se a gente estivesse recomeçando. É como se eu tivesse que dizer: “Olha, fiz uns filmes aí que deram certo e quero fazer outro”. E aí é preciso tentar ganhar os julgadores dos projetos pela ideia que você quer desenvolver.

Esse modelo de financiamento por editais se ajusta à sua maneira de fazer cinema?

Sempre fui ressabiada com essa história de editais, porque sou de uma geração antiga, que acha que cinema tem que ser movido pela emoção da história que se quer

FILMOGRAFIA – LONGAS-METRAGENS

Fotos/Divulgação



‘Gaijin, Os Caminhos da Liberdade’ consagrou a visão autoral de Tizuka sobre a imigração



‘Parahyba Mulher Macho’, com Tânia Alves, bateu a fronteira do milhão



‘O Noviço Rebelde’ trouxe Renato Aragão de volta ao cinema, em 1997



‘Lua de Cristal’ é o maior fenômeno de bilheteria da realizadora com 4.178.165 pagantes

- “Gaijin – Os Caminhos da Liberdade” (1980)
- “Parahyba Mulher Macho” (1983)
- “Patriamada” (1984)
- “Lua de Cristal” (1990)
- “O Noviço Rebelde” (1997)
- “Fica Comigo” (1998)
- “Xuxa Requebra” (1999)
- “Xuxa Popstar” (2000)
- “Gaijin – Ama-me como Sou” (2005)
- “Xuxa em O Mistério de Feiurinha” (2009)
- “Aparecida – O Milagre” (2010)
- “Encantados” (2014)
- “1817 – A Revolução Esquecida” (2017)

contar. Quando você coloca um projeto dentro de um edital, meio que encaixota uma ideia criativa em respostas muito objetivas sobre produção, distribuição, sobre aonde aquele filme vai. Hoje, não tem jeito: você precisa dos editais para... pelo menos... começar um projeto. Já não acho tão complicado, porque fui me acostumando, mas acho horrível essa distância entre o diretor e o projeto, sem que você possa apresentá-lo pessoalmente à banca.

Por que essa apresentação pessoal faria diferença?

Porque, às vezes, a gente ainda não sabe exatamente o filme que vai fazer. O filme acontece durante a trajetória. Você tem uma ideia boa para começar, mas, no decorrer do filme, acontecem coisas que o enriquecem e que são impagáveis. Isso não tem como colocar num edital. Sei que estou perdendo nessa jornada, mas essa tem sido a maneira de conseguir algum investimento para começar e desenvolver um projeto.

De que maneira, com todos os sucessos que fez durante os anos 1980 e

1990, seu cinema fez o público nacional encontrar novos veios populares?

Meu currículo é muito variado. É uma miscelânea. Mas, na verdade, eu percorro assuntos que me interessam. Se é filme infantil, novela ou longa-metragem, não importa. Sou um pouco levada pela paixão que aquele tema desperta em mim. E existe uma coisa interessante: os filmes antigos estão sempre sendo reexibidos. Não tenho muito essa preocupação de pensar que meu último longa foi feito há dez anos. Agora mesmo estive em Campina Grande, no Festival de Inverno, exibindo “Gaijin – Os Caminhos da Liberdade”, “Parahyba Mulher Macho”, “Lua de Cristal”, um compacto de “O Pagador de Promessas”, da TV Globo, e “1817 – A Revolução Esquecida”. É muito bom porque você vê, anos depois, que o filme continua funcionando ou que pode ganhar uma nova leitura.

O período em Atibaia, sobretudo a partir da pandemia, mudou a maneira como você passou a pensar novos filmes?

Em 2019, fechei meu apartamento no Rio de Janeiro e fui provisoriamente para Atibaia, para ficar com a minha mãe, que, naquela época, estava com 95 anos. Logo depois veio a pandemia, e minha companhia era muito importante para tentar protegê-la da covid-19. Acabei gostando de ficar em Atibaia, uma cidade pequena do interior de São Paulo onde passei a infância. Foi muito bom reencontrar gente que para o carro para você atravessar a rua, que cumprimenta você naquela coisa interiorana simples e afetiva. Essa restauração de um período da minha vida me fez muito bem. Nessa situação, comeci a fazer projetos. Montei uma carteira enorme. Até então, eu não conseguia pensar num novo projeto quando estava com a cabeça mergulhada em outro, em realização. A pandemia me trouxe essa possibilidade, de que gostei muito: procurar temas, procurar assuntos e começar a desenvolvê-los.

Que Brasil apareceu nessa busca por novas histórias?

Minha família é uma família de agricultores. Minha avó e meu avô pagaram meus estudos com o que produziam na roça. Sempre digo que eu talvez seja uma das poucas cineastas que têm, por família, um vínculo muito forte com a terra. Pensei que poderia chegar mais perto desse universo interiorano, agrário. Desenvolvi uma novela a partir de um crime ligado ao meio ambiente e do deslocamento de uma família que saiu do Sul do Brasil e vai morar numa

espécie de quilombo. A história acompanha a tentativa de desvendar o crime que atinge o chefe dessa família. É um projeto de que gosto muito.

A investigação da formação brasileira continua sendo uma preocupação central na sua obra?

Muito. No meio desse caminho, fui buscar alguma coisa em Darcy Ribeiro, por quem sempre tive enorme admiração. Nessa jornada, cheguei à Fundação Darcy Ribeiro e descobri um livro que desconhecia, “Diários Índios”. É o registro de uma incursão de Darcy, entre 1949 e 1950, entre os Kadiwéu, no Mato Grosso do Sul. Ele conviveu com indígenas e voltou profundamente marcado pelo que encontrou. Eu quis imaginar uma nova incursão, mais de 70 anos depois, para dizer ao Darcy o que está acontecendo hoje: essa afirmação da cultura indígena, com descendentes dos povos que ele conheceu defendendo seus territórios e criando formas de fazer valer a própria cultura.

O interior também despertou em você o desejo de voltar à fantasia?

A primeira coisa que me passou pela cabeça quando fiquei em Atibaia foram as histórias de assombração que ouvíamos na infância, de que gostávamos e que também nos davam um medo enorme. Desenvolvi um projeto sobre assombrações no interior de São Paulo, não apenas em Atibaia, mas nos arredores. Fiz um projeto de minissérie, com vários capítulos. Cada episódio contava uma história num lugar diferente, mas havia uma protagonista que atravessava tudo, ligada ao espiritismo. Chamava-se “Clara e os Espíritos”. Mandamos para alguns editais, mas não vingou. Gosto muito dele porque acho que tem tudo a ver com a cultura brasileira, principalmente com a cultura interiorana.

E os grandes projetos históricos? Ainda existe desejo de voltar a eles?

Sim. Tirei do baú alguns projetos antigos, épicos, históricos. Mas, se a gente mal consegue fazer um filme barato, imagine um filme de produção cara. Mesmo assim, insisto muito nisso. Primeiro porque acho que precisamos contar a história do Brasil. E não contar de uma forma chata, mas contar a história do país envolvida por algum romance, por alguma história pessoal. “1817 – A Revolução Esquecida”, por exemplo, nasceu de um projeto de longa-metragem. “1817” acabou sendo uma saída para fazer uma produção barata sem abandonar o tema.



Em comemoração aos 20 anos da franquia de maior sucesso das animações brasileiras, a Galinha Pintadinha chega aos cinemas em outubro com uma animação 3D

A galinha dos ovos de ouro se aventura nas animações 3D

Sucesso dos DVDs e YouTube, a Galinha Pintadinha celebra 20 anos com um filme para os cinemas

PEDRO SOBREIRO

O ano de 2026 é mais do que especial para a maior franquia de animação musical da história do Brasil. “A Galinha Pintadinha” completa 20 anos de sucesso e, para celebrar essa marca, a Bromelia Produções vai levar a personagem para os cinemas em uma aventura 3D.

Com estreia marcada para o dia 1º de outubro, “Galinha Pintadinha - O Filme” vai renovar o visual dos personagens clássicos, como a Galinha Pintadinha, o Galo Carijó e o Pintinho Amarelinho, mas também vai apresentar novos personagens.

Dirigido pelos criadores Juliano



O Pintinho Amarelinho vai parar no ninho do temível Gavião, virando seus dias de cabeça para baixo enquanto explora o mundo

Prado e Marcos Luporini, o filme vai acompanhar a Galinha Pintadinha e o Galo Carijó esperando a chegada do primeiro filho na Vila de Galinhas, onde todos vivem com medo do Gavião que habita as montanhas. Uma cegonha atrapalhada, porém, vai trocar os ovos, levando o Pintinho Amarelinho a nascer no ninho do Gavião, que é a grande ameaça da região, enquanto um filhote de gavião vai acabar parando no ninho da Popó.

Para desfazer a troca, resgatar o

filho e devolver o pequeno gavião a sua verdadeira família, a Galinha Pintadinha precisará vencer os próprios medos e enfrentar os perigos do caminho até a caverna do Gavião, em uma aventura sobre amizade e inclusão.

Juliano Prado falou sobre o grande desafio de fazer um filme para o cinema, em um novo formato de animação. “Levar a Galinha Pintadinha para o cinema é um passo muito especial para nós. Desde o início, a ideia era criar uma história



Entregue por engano pela dona Cegonha, o Bebê Gavião vai levar a Galinha Pintadinha em uma viagem inesperada para fora da vila

que tivesse a dimensão de uma aventura cinematográfica, sem perder a essência, o humor e o carinho que fizeram parte da trajetória da personagem”, explicou Juliano.

Marcos Luporini completou dizendo que um longa cinematográfico é uma grande oportunidade de expansão da franquia. “Ao mesmo tempo, tivemos a oportunidade de expandir esse universo e apresentar personagens com novas características, relações e histórias. O filme permite que o público conheça a

Galinha Pintadinha por uma perspectiva diferente, com uma linguagem visual nova e uma narrativa pensada para ser vivida na tela grande”, concluiu Marcos.

Dentre os novos personagens, estão General e Soldados, Abutres, Cegonha, Sapos, Baratinha, Dr. Peru, Naftalina, Divas e o Bebê Gavião, que promete chacoalhar o mundo da Vila das Galinhas.

No entanto, personagens clássicos da saga, e das cantigas folclóricas brasileiras, como a Borboletinha, que trará toques de magia a essa aventura, e o Pintinho Amarelinho, que tem uma visão infantil divertida de querer explorar o mundo a qualquer custo, dando muita dor de cabeça para o Gavião.

Apesar de ser um filme declaradamente voltado para o público infantil, reia marcada para o dia 1º de outubro, “Galinha Pintadinha - O Filme” vai trazer mensagens que dialogam diretamente com os pais das crianças.

A essência da trama é mostrar que por mais que os pais possam ser diferentes, levando vidas e tendo comportamentos completamente distintos, quando o assunto são seus filhos, todos são exatamente iguais. Nessa nova aventura, a Galinha Pintadinha se questionará: será que é possível viver em harmonia com o temível Gavião?

Em 20 anos de estrada, “A Galinha Pintadinha” se tornou uma das principais marcas do audiovisual brasileiro, sendo referência no meio do entretenimento infantil. Foram mais de 3,5 milhões de cópias de DVDs vendidas, além de ter um canal no YouTube com mais de 39 milhões de inscritos. Seus vídeos somam mais de 50 bilhões de visualizações, consagrado como o primeiro canal da história do YouTube Brasil a atingir a marca de 1 bilhão de views.

Chegar aos cinemas com uma aventura 3D mostra que o céu não é mais o limite. E quem foi que disse que galinha não sabe voar?

Claire Denis,

80 (de vida; 180° de criação)

Pilar entre as mulheres que redefiniram o ofício de dirigir cinema, a artesã autoral francesa vai ao Festival de Veneza com curta inédito ligado a um projeto audiovisual antissexista

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Cerca de quatro meses depois de receber de Cannes uma das honrarias que promovem cineastas de talento ao status de artesãos autorais, a francesa Claire Denis, recém-chegada aos 80 anos, ganha os holofotes de outro festival tamanho GG, onde lança um novo filme, “Avec Kim”, como parte de um projeto feminista de reflexão sobre o lugar profissional das mulheres na indústria do audiovisual. No sábado, dia 5 de setembro, às 16h30, a cineasta apresenta o curta na Sala Perla, do Palazzo del Casinò, no Lido, dentro das Giornate degli Autori, mostra paralela da 83ª Bienal de Veneza.

No domingo, dia 6, às 10h, ela volta ao centro das atenções num debate no Hotel Excelsior ao lado da diretora norueguesa Mona Fastvold, da musicista Kim Gordon e das atrizes Suzanne Lindon e Amanda Seyfried, num encontro dedicado às possibilidades de se fazer cinema para além do diálogo.

A passagem veneziana dá continuidade a um ano de consagração para Claire. Em 13 de maio, na abertura da Quinzena dos Cineastas, em Cannes, ela recebeu a Carroça de Ouro, honraria concedida pela Sociedade dos Realizadores de Filmes da França a autores cuja liberdade de visão e rigor de encenação tenham marcado a história



Jorge Fuembuena/SSIF

Em 13 maio, Claire Denis recebeu a Carroça de Ouro, honraria destinada a autores cuja liberdade de visão e rigor de encenação tenham marcado a história do cinema



Divulgação

Isaach De Bankolé encara Matt Dillon em ‘A Cerca’, longa mais recente de Claire, indicado à Concha de Ouro de San Sebastián

do cinema. A distinção, criada em 2002, colocou-a numa linhagem que inclui nomes como Agnès Varda, David Cronenberg, Jim Jarmusch, Jane Campion, Martin Scorsese, John Carpenter, Andrea Arnold e Todd Haynes.

“Não penso um filme como trama, penso nele como experiência, e experiências envolvem conexões territoriais, relações com espaços. O meu ponto de vista é o de uma francesa, mas é um ponto de vista que foi edificado observando expropriações culturais”, disse Claire ao CORREIO DA MANHÃ numa conversa em San Sebastián, festival onde presidiu o júri em 2023. A noção de território que atravessa sua fala ajuda a entender uma filmografia construída em permanente deslocamento geográfico, afetivo e político, da África de “Chocolate” ao espaço sideral de “Vida Celeste”, passando pelos

corpos disciplinados de “Bom Trabalho” e pelos choques culturais do recente “A Cerca”.

Agora, é Paris que volta a servir de mapa. Com 12 minutos, “Avec Kim” acompanha uma jovem mecânica interpretada por Suzanne Lindon, que deixa uma garagem ao volante de um possante automóvel dos anos 1980 e atravessa as ruas da capital francesa. O percurso é regido pela música de Kim Gordon, ex-integrante do Sonic Youth, que também atua no curta. A viagem vai acumulando pequenos encontros cotidianos até desembocar na aproximação entre a jovem motorista e uma viajante misteriosa vinda do norte, papel da própria Gordon. Eric Gautier responde pela fotografia e Guy Lecomte pela montagem.

A estreia ocorre dentro do Miu Miu Women’s Tales, iniciativa criada em 2011 que entrega anualmente a duas realizadoras a missão

de conceber filmes capazes de investigar experiências femininas por perspectivas autorais. Claire divide a edição de 2026 com Mona Fastvold, roteirista indicada ao Oscar por “O Brutalista”, famosa como diretora por seu trabalho em “O Testamento de Ann Lee”. A norueguesa apresenta “Discipline”, curta de 14 minutos protagonizado por Amanda Seyfried, ambientado num austero internato do norte da Itália, onde bonecas em tamanho natural e manipuladores mascarados cumprem uma rotina que caminha para uma explosão de ruptura e transformação. Os dois filmes serão exibidos em sequência no dia 5.

A dobradinha de Claire e Fastvold se prolonga na manhã seguinte, quando as duas participam da conversa “Bodies and Objects: Filmmaking Beyond Dialogue”, mediada pela escritora e curadora britânica Lou Stoppard. Kim Gor-

don, Suzanne Lindon e Amanda Seyfried completam a mesa, concebida para discutir como corpos, objetos, gestos, sons e movimentos podem assumir funções narrativas geralmente entregues à palavra. Mais tarde, o programa promove encontros com Zoey Deutch e Antonia Gentry, no próprio dia 6, e com Thuso Mbedu e Cailee Spaeny, no dia 7.

É um território que parece feito sob medida para Claire. “Eu não filmo heróis. Os personagens que abordo estão às voltas com o desejo e com a morte, ou seja, dois tabus. Não há heroísmo nos meus filmes, nem conquista. Há a percepção de nós mesmos”, explicou a diretora ao CORREIO. Esse princípio organizou obras como “Nenette e Boni”, ganhador do Leopardo de Ouro em Locarno em 1996, e “Stars at Noon”, Grande Prêmio do Júri de Cannes em 2022, além de “Bom Trabalho”, “Trouble Every Day”, “35 Doses de Rum” e “Vida Celeste”.

Sua expressão estética mais recente em longa-metragem, “A Cerca”, reforça essa vocação para mapear relações de poder. Extraído de “Combat de Nègre et de Chiens”, de Bernard-Marie Koltès, o filme se passa num canteiro de obras da África Ocidental e reúne Matt Dillon, Tom Blyth, Mia McKenna-Bruce e Isaach de Bankolé. A chegada de um homem que exige o corpo do irmão morto numa obra faz emergir tensões coloniais, raciais e econômicas entre europeus e africanos.

“Foi Isaach quem me apresentou a Bernard-Marie Koltès, ainda nos anos 1980. Quando li a peça dele, fiquei interessada pela forma como ela trazia uma perspectiva africana sobre os laços familiares. Ao adaptá-la para as telas, alterei certos elementos que estavam demasiado presos a uma lógica da década de 1980”, explicou Claire. Para ela, o cinema nasce justamente desse atrito: “Busco falar sobre o ódio que brota no multiculturalismo sempre do lado de quem é pobre. Discutir o ódio é uma decisão consciente”.

Em Veneza, porém, a escala é outra. No lugar do canteiro africano, há uma mulher, um automóvel, Paris e a pulsação sonora de Kim Gordon. “Avec Kim” concentra em 12 minutos algo que Claire Denis vem perseguindo há quase quatro décadas: corpos atravessando territórios e encontrando, no movimento, uma maneira de revelar aquilo que a palavra sozinha não alcança.

Um box para uma autora fora da caixa

Lis Pedreira/Divulgação

Conceição Evaristo chega aos 80 com compilado de oito livros que percorre uma obra feita de memória e invenção

AFFONSO NUNES

As editoras Malê e Pallas se uniram para lançar, durante a Bienal Internacional do Livro de São Paulo, uma edição comemorativa pelos 80 anos de Conceição Evaristo, autora que tem livros publicados pelos dois selos. completados em novembro. O box reúne oito volumes de uma autora cuja circulação cresceu de modo extraordinário nas últimas décadas, oferecendo um percurso por uma obra que transformou memória, linguagem e experiência negra em centro de gravidade da literatura brasileira contemporânea.

Estão ali romances, contos, poesia e um livro de entrevistas: “Olhos d’Água”, “Histórias de leves enganões e parencenças”, “Insubmissas lágrimas de mulheres”, “Ponciá Vicêncio”, “Becos da memória”, “Poemas da recordação e outros movimentos”, “Canção para ninar menino grande” e “Quando eu morder a palavra”, organizado a partir de conversas com a escritora.

O conjunto, com projeto gráfico de Letícia Quintilhano, custa R\$ 375 e inaugura uma parceria entre as duas editoras cariocas, que desde 2014 se alternam na publicação de seus livros de Conceição.

Nascida em Belo Horizonte em 29 de novembro de 1946 e radicada no Rio desde os anos 1970, Conceição começou a publicar aos 44 anos, em 1990, nos “Cadernos Negros”, a série ligada ao coletivo Quilombhoje que acolheu seus primeiros poemas e contos. Foi uma entrada tardia no mercado editorial, embora não na escrita. A prosa de fôlego chegaria com “Ponciá Vicêncio”, em 2003; três anos depois, “Becos da memória” converteria em romance as lembranças



Divulgação

A obra de Conceição Evaristo aborda questões raciais e sociais em tom poético

masculinidades, racismo e vínculos afetivos.

Essa amplitude explica por que a autora passou a ocupar escolas, universidades, clubes de leitura e pesquisas acadêmicas, no Brasil e fora dele. Para Cristina Fernandes Warth, editora da Pallas, os livros de Conceição “ganham o mundo, chegaram às escolas, às universidades e, principalmente, às mãos de muitos leitores”.

Ao justificar a parceria entre as editoras, Vagner Amaro, da Malê, lembra a articulação de Conceição com outras autoras negras, coletivos literários e movimentos sociais — e recupera duas de suas imagens mais conhecidas: “uma sobe e puxa a outra” e “nossos passos vêm de longe”.

É esse movimento que o box torna palpável. Em vez de fixar a autora num único livro ou na força de uma palavra-conceito, a coleção permite acompanhar a variedade de sua construção: a narradora das mulheres e das periferias, a romancista das heranças históricas, a poeta da ancestralidade, a intelectual que pensa a circulação da literatura negra. Aos 80 anos, Conceição Evaristo é celebrada não como exceção isolada, mas como uma escritora cuja obra ampliou quem pode falar, ser personagem e ser lido na literatura brasileira.

e observações da favela do Pindura Saia, onde passou a infância e a adolescência.

Essa origem tornou-se matéria de elaboração. Conceição chama de “escrevivência” a escrita que nasce do vivido, da memória e de uma experiência coletiva, mas que não se confunde com simples testemunho. A formulação, que se tornou uma das chaves de leitura de sua obra, contém também um programa crítico: “A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”.

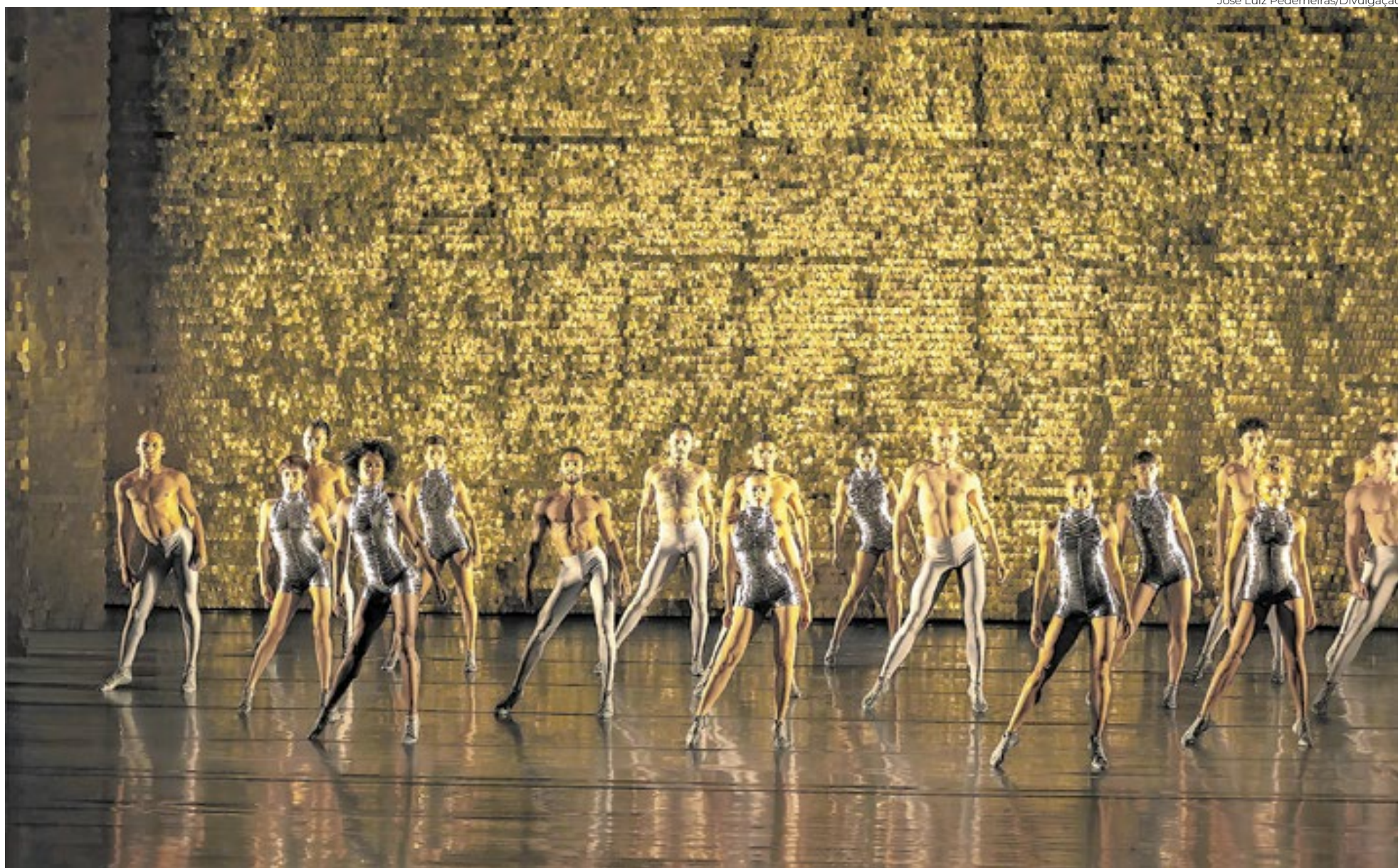
A frase ajuda a explicar a permanência de questões que atravessam gêneros muito diferentes. Em “Ponciá Vicêncio”, a busca de uma mulher negra por pertencimento é atravessada por heranças da escravidão. “Becos da memória” preserva a vida de uma comunidade sob ameaça de remoção. Já “Olhos d’Água”, vencedor do Jabuti em 2015, concentra em quinze contos mulheres negras, crianças, trabalhadores e moradores das periferias urbanas. Nos poemas, memória, ancestralidade, maternidade, amor e luto encontram uma dicção ao

mesmo tempo íntima e pública.

Não se trata, porém, de uma obra limitada à denúncia. Há fantasia, afeto, desejo, humor, fabulação e uma atenção rigorosa ao modo como as personagens ocupam o mundo. “Histórias de leves enganões e parencenças” aproxima o cotidiano do insólito; “Insubmissas lágrimas de mulheres” dá a palavra a protagonistas que enfrentam violências e desigualdades; em “Canção para ninar menino grande”, Evaristo desloca o olhar para um homem e suas relações com diferentes mulheres, tratando de

O box contém oito títulos essenciais da obra da autora mineira

José Luiz Pederneiras/Divulgação



'Piracema', estreou nacionalmente no ano passado na celebração dos 50 anos de atividade do Grupo Corpo

Corpo presente

Companhia mineira apresenta as coreografias 'Piracema' e 'Lecuona' em curta temporada no Theatro Municipal

O Grupo Corpo retorna esta semana ao Theatro Municipal com um programa que aproxima tempos e atmosferas muito distintos de sua trajetória. A companhia mineira apresenta "Piracema", criação de 2025 que marcou seus 50 anos de atividades, e recoloca em cena "Lecuona", balé de 2004 que não era mostrado no Brasil havia uma década.

A temporada curta reúne duas peças coreografadas por Rodrigo Pederneiras e expõe, por caminhos diferentes, uma característica decisiva do grupo: a capacidade de fazer da música não apenas acompanhamento, mas arquitetura do movimento.

"Piracema" nasce de uma imagem natural e de uma metáfora de resistência. O título remete ao deslocamento dos cardumes rio acima para a desova, uma travessia contra a

correnteza que a obra associa à persistência da criação. A coreografia é assinada por Rodrigo Pederneiras e Cassi Abranches, que passou a ser coreógrafa residente da companhia em 2025. A parceria inaugurada nessa montagem introduz uma nova composição de olhares sem abandonar a linguagem física que tornou o Corpo reconhecível desde sua fundação.

A trilha de "Piracema" foi criada especialmente por Clarice Assad. A peça se organiza em três momentos: uma viagem pela natureza, a passagem para um mundo urbanizado e a imagem de uma distopia que pode — ou não — ser revertida. "Usei bastante minha voz em harmonias vocais e até lancei mão, na terceira parte, de ruídos e sons criados por inteligência artificial", conta ela.

Essa progressão oferece ao espetáculo um horizonte contemporâneo. A correnteza deixa de ser somente cenário e passa a sugerir o



'Lecuona', mergulha na atmosfera romântica das canções do pianista e compositor cubano Ernesto Lecuona

esforço de continuar, de criar e de encontrar saídas em meio a transformações ambientais e sociais.

No mesmo programa, "Lecuona" estabelece outra temperatura. Criado em 2004, o balé parte de 11 canções românticas e uma valsa

do compositor cubano Ernesto Lecuona, escritas nas décadas de 1940 e 1950. A música, marcada por paixão, melancolia e uma sofisticação que atravessa a formação clássica e a cultura popular, conduz uma cena de recortes oníricos. Há desejo e

sofrimento amoroso, mas também a investigação de uma musicalidade que não se resume à nostalgia: Pederneiras encontra nas inflexões das canções uma matéria para desenhar relações, impulsos e suspensões.

A última apresentação da obra no Rio ocorreu em 2016. Revisitá-la agora permite observar como um trabalho criado há mais de duas décadas continua dialogando com a ideia de repertório vivo.

Fundado em Belo Horizonte, o Grupo Corpo construiu ao longo de cinco décadas uma assinatura em que a dança contemporânea conversa com referências populares, com a arquitetura visual e com encomendas musicais de artistas brasileiros. A companhia não trata a tradição como repertório fixo. Cada criação acrescenta uma resposta particular à música e ao corpo de seus bailarinos, e é essa continuidade em transformação que o programa do Municipal torna visível.

SERVIÇO

GRUPO CORPO: "PIRACEMA" E "LECUONA"

De 2 a 6 de setembro
Theatro Municipal do Rio de Janeiro — Praça Floriano, s/nº, Centro | Sessões: quarta a sábado, às 20h; domingo, às 17h



Divulgação

Tecnologias ancestrais

As obras reunidas revelam diferentes caminhos e saberes, formando um diálogo entre tecnologias originárias e ocidentais

Mostra no Petrobras Futuros põe em diálogo obras de 12 povos, saberes ancestrais e linguagens contemporâneas

A exposição “Nhe’e Se – Desejo de Fala”, em cartaz no Petrobras Futuros – Arte e Tecnologia, no Flamengo, reúne 30 obras de 13 artistas indígenas contemporâneos de 12 povos. A mostra propõe uma discussão que ultrapassa a presença indígena como tema: trata de reconhecer conhecimentos, materiais e modos de fazer como tecnologias vivas.

A curadoria é de Sandra Benites, pesquisadora Guarani Nhandeva e doutoranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional da UFRJ. Segundo a organização, Benites foi a primeira curadora indígena a integrar a equipe de um museu no Brasil. Com assistência de Rodrigo Duarte, ela reúne trabalhos de Ana Maria Kariri, Glicéria Tupinambá, Keyla Palikur, Kuenan Mayu, Luakam Anambé, Mandacaru Karajá, Mandú, Paulo Desana, Sioduhi Waikhun, Vilmone Guarani, Ypituna Pankararu e Ziel Karapotó.

O título, que remete ao desejo de fala, dá a chave da exposição: em vez de enquadrar a produção indígena por uma oposição entre tradição e contemporaneidade, “Nhe’e Se” apresenta práticas em que território, memória, oralidade e criação material compõem formas de conhecimento. Fotografias, têxteis, redes, maracás, plumas, desenhos, esculturas e instalações atravessam a mostra. A diversidade de linguagens



não funciona como inventário de etnias, mas como uma aproximação de experiências que preservam autonomias e, ao mesmo tempo, se afirmam no debate artístico atual.

“A arte contemporânea pro-

duzida por artistas indígenas é um sistema tecnológico que atualiza as realidades de cada comunidade indígena”, afirma Sandra Benites, em texto de apresentação. “Mais que uma mostra de arte, Nhe’e Se é um



espaço de ativação da luta, fortalecimento e afirmação daqueles que aqui sempre estiveram.” A formulação ajuda a entender o recorte da exposição: a tecnologia não aparece somente na mediação digital ou na

máquina, mas também na ciência dos pigmentos naturais, na construção de vestimentas, na trama de fibras, no conhecimento das plantas e nas formas de transmissão entre gerações.

Um dos pontos de destaque é um manto tupinambá confeccionado em 2024 por Glicéria Tupinambá. A peça esteve na 60ª Bienal de Veneza, em 2024, dentro da instalação “Okará Assojaba”, apresentada no Pavilhão do Brasil, então rebatizado de Pavilhão Hãhãwpuá. De acordo com o release, o manto dialoga com exemplares históricos mantidos em coleções europeias e foi realizado a partir de conhecimentos tradicionais do povo Tupinambá da Serra do Padeiro. Sua produção levou cerca de oito meses e utilizou aproximadamente 5 mil penas, além de cerca de 500 metros de linha de algodão encerrada com cera de abelha do território.

A presença da obra também desloca uma discussão recorrente nos museus: como tratar objetos e técnicas indígenas sem reduzi-los a vestígios de um passado imobilizado. Em “Nhe’e Se”, a recriação contemporânea afirma continuidade, autoria e pensamento crítico. O percurso inclui ainda trabalhos que, conforme a apresentação, articulam corpo, gênero, sustentabilidade, espiritualidade e território. Mayu Kuenan, artista Magüta (Tikuna) e Tariano, por exemplo, trabalha entre pintura, performance, fotografia, vídeo e instalação; Ana Maria Kariri combina artes visuais, literatura e arte-educação em uma trajetória ligada à memória dos povos originários do Nordeste.

O local acrescenta outra camada ao projeto. O Petrobras Futuros dedica sua programação às relações entre arte, tecnologia e futuros possíveis. “Nhe’e Se” propõe que esse futuro seja lido a partir de conhecimentos que resistiram à violência colonial e continuam produzindo imagens, métodos e linguagens para o presente. “Ativar o espaço Petrobras Futuros é a mobilização de um traçado que artistas indígenas confeccionam coletivamente para reivindicar um encontro de fala aberta e direta”, diz a curadoria.

Além da abertura, a programação prevê uma visita mediada por Sandra Benites no sábado (29), às 11h. A exposição tem entrada gratuita e classificação livre. Para quem chega ao centro cultural em busca de arte contemporânea, a mostra oferece uma oportunidade de olhar para a inovação fora do repertório habitual: não como ruptura com o passado, mas como relação ativa entre memória, matéria, comunidade e futuro.

SERVIÇO

NHE'E SE - DESEJO DE FALA

Petrobras Futuros – Arte e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo) tura: 28 de agosto, às 19h Até 11/10, quarta a domingo (11h às 20h) | Grátis